



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

**ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO (EPSJV-FIOCRUZ) ENSINO MÉDIO
TÉCNICO EM ANÁLISES CLÍNICAS**

**O individualismo problemático na poesia de Carlos
Drummond de Andrade**

Walber Maciel Miranda

Rio de Janeiro – RJ

2018

Walber Maciel Miranda

**O individualismo problemático na poesia de Carlos
Drummond de Andrade**

**Pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Escola Politécnica de Saúde Joaquim
Venâncio (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para
a conclusão do Curso de Análises Clínicas.**

Orientador: João Roberto Maia Da Cruz

Rio de Janeiro – RJ

2018

Dedico este trabalho aos meus pais Walter Miranda e Josefa Maciel, que sempre me apoiaram em tudo, principalmente nas questões acadêmicas, sem a presença deles eu provavelmente não teria realizado esse trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente ao meu orientador João Roberto Maia da Cruz, por toda sua disponibilidade, paciência, dedicação e carinho para com o trabalho e comigo, o seu conhecimento literário e excelente orientação ajudaram a produzir este trabalho que tanto me orgulho, juro que se pudesse eu escreveria um capítulo só agradecendo ao João, muito obrigado por tudo.

A minha família, pela compreensão e carinho que sempre tiveram comigo, Minha mãe, pela sua confiança inesgotável; Pai, por sua dedicação em níveis, eu diria, super heróicos; meus irmãos Divalmir, Vanessa, Vitória e Viviane por todo seu amor e amizade.

Aos professores da escola politécnica Carlos Batistella e Mônica Murito por toda sua colaboração com o trabalho, em especial, agradeço ao professor Murilo Vilaça por toda sua contribuição dentro e fora desse projeto, tanto como meu qualificador e banca final, como por suas aulas e conversas de grande valor.

Agradeço a Carla Martins por fazer parte da minha banca, e por sua contribuição em uma das partes mais importante do projeto, a defesa.

Por fim agradeço a toda escola politécnica e aos meus amigos por suas contribuições ao trabalho.

RESUMO

Esse texto se propõe a tentar compreender o Indivíduo Problemático na obra de Carlos Drummond de Andrade. O individualismo presente na obra de Drummond que se modifica com o caminhar das obras, passando pelos livros de *Alguma poesia*, *Brejo das Almas*, *Sentimento do mundo*, *José* e *A rosa do povo*, conseguimos estabelecer um amadurecimento do indivíduo ao trabalhar textos que exploram o sentimento do Eu em sua relação com o mundo.

Todas as compreensões aqui realizadas, são fruto de textos literários do poeta itabirano e de textos críticos sobre a obra de Drummond, muitas vezes críticas do próprio autor a cerca desse individualismo problemático, que se encontra principalmente no recorte temporal de meados dos anos 30 até os anos 50.

Palavras-chave: Drummond; literatura, individualismo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O INDIVIDUO NA DÉCADA DE 20	9
3. “CRISE DE 30”	16
4. O LIRISMO SOCIAL	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	39

INTRODUÇÃO

Carlos Drummond de Andrade, poeta mineiro do século 20 que tocou o Brasil com sua poesia modernista, poesia essa que muitas vezes caminhava ao encontro de vivências do próprio autor.

Drummond aproximou-se do leitor mesmo quando não falava sobre os fervores da época em que viveu, e assim conseguiu expor o modo de ser e sentir do século xx, através de sua vivência, por este motivo sua obra se tornou tão cativante aos olhos publico.

Fui levado pela intuição e pelo instinto, pelas emoções do momento. [...] exprimi paixões e emoções do meu tempo, e isso naturalmente tocou as pessoas (ANDRADE, Carlos Drummond de. Revista Veja. N.637 1980.)

O poeta incorporava as experiências vividas à sua poesia, mesmo que de modo indireto, tratando a vivência com ironia, a qual revela-se de modo disfarçado (VILLAÇA, 2006, p. 13) No entanto a poesia de Drummond, juntamente com o sentimento das experiências projetadas na obra, carrega mais uma característica, dentre as diversas, que atrai este trabalho: o conflito do indivíduo.

Segundo o crítico literário David Arrigucci Jr, Drummond possui uma obra carregada de conflitos, a qual, de início, transmite os primeiros impasses à personalidade do indivíduo *gauche* Presente no “Poema de sete faces”, do primeiro livro: *Alguma poesia*, o indivíduo *gauche* é o personagem que nos aproxima tanto da vivência de Drummond quanto dos conflitos em sua obra. *Gauche* é uma palavra francesa que significa esquerdo, o que nos versos diz respeito ao indivíduo inseguro, desajustado, deslocado no mundo, ao qual não se sente pertencente por inteiro.

Em grande parte da sua obra, Carlos Drummond de Andrade incorporou suas vivências a um indivíduo repleto de conflitos sobre o estar-no-mundo, embates na relação do mundo com o Eu. Esse indivíduo, primeiramente caracterizado como “*gauche*”, caminhou por diversas partes da obra e se modificou no decorrer da caminhada.

Este trabalho tem por finalidade, compreender como se estabelece o que se denomina aqui indivíduo problemático em parte da obra do poeta itabirano.

Serão priorizados poemas que se voltam para o indivíduo e suas angústias, seus desejos, suas verdades, seus tropeços etc. Priorizando esse eu “torto”, “todo retorcido”, “gauche” exposto no *Poema de sete faces*, que se vê como diferente, e pouco adaptado à vida, em seu esforço de explorar e interpretar seu estar-no-mundo. Outro ponto a explorar é o que diz respeito à insuficiência do individualismo extremo (o “eu todo absorvente” a que se refere Antonio Candido), o empenho para superá-lo diante de questões que o ultrapassam.

Visando compreender do melhor modo o objeto de estudo, o indivíduo problemático, voltamos nossa análise para a matéria poética de Drummond e para crítica sobre sua obra, muitas vezes vindas do próprio autor, que revela capacidade interessante de auto-análise.

A obra de Drummond é bastante complexa e extensa, porém, a fim de estudar os momentos mais expressivos do indivíduo problemático, há de se optar por um recorte temporal que nos servirá de base material. Tal recorte se dá a partir do primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia*, até meados dos anos 50, o que nos conecta com questões primordiais, pois nos permite presenciar um amadurecimento a respeito das questões que serão tratadas, passando pelas obras *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *José*, *A rosa do povo* e parte do debate a cerca de *Claro enigma*.

Para dar conta desse conjunto de problemas, o recorte temporal situa historicamente a obra drummondiana, a qual será analisada em suas relações decisivas com certo contexto social, político e cultural.

De modo mais concreto, a leitura crítica de poemas de Drummond foi estabelecida à luz do conflito entre a postura individualista, que passa a ser objeto da autocrítica severa do próprio poeta, e a exigência que se coloca a partir de meados dos anos 1930: a necessidade de assumir alguma postura de intervenção social, de participação no contexto do país.

Tal recorte nos conecta também, com o momento de maior ênfase do lirismo social na obra de Drummond, é quando ele consegue sanar os conflitos do indivíduo em *Sentimento do mundo* e *José*, que as obras mais voltadas ao social aparecem, presentes nelas críticas ao mundo e a própria poesia. Posteriormente Drummond se afasta do lirismo social, e um dos motivos para tal afastamento é justamente sua desilusão com algumas idéias da esquerda.

O INDIVÍDUO NA DÉCADA DE 20

Alguma poesia é o primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade. Embora publicado em 1930, os poemas foram escritos (e alguns publicados em jornais e revistas) na década de 20. A obra possui certa afinidade com o movimento modernista da época.

No que diz respeito à linguagem de *Alguma poesia*, mais particularmente das críticas sobre a obra, muitos autores optam por aproximar o primeiro livro com o segundo: *Brejo das almas*. Os dois livros, muitas das vezes, são caracterizados como período irônico da obra de Drummond, pelo modo como ambos se aproximam do aspecto de zombaria.

Parece que foram trabalhados com a discrição irônica que o autor trazia do interior de Minas. [...] supondo sempre um Eu reflexivo atrás do Eu, com o efeito paradoxal de mudar substancialmente a direção do próprio senso de humor, na sua combinação insólita de graça ferina com gravidade. (ARRICUCCI Jr., Davi. *Coração partido*, pag.28)

Segundo Antonio Candido, os dois livros também se aproximam em outro aspecto: “o reconhecimento do fato”

Os dois primeiros livros de Carlos Drummond de Andrade são construídos em torno de certo reconhecimento do fato. O sentimento, os acontecimentos, o espetáculo material e espiritual do mundo são tratados como se o poeta se limitasse a registrá-los, embora o faça de maneira anticonvencional preconizada pelo Modernismo. Este tratamento, mesmo quando insólito, garantiria a validade do fato como objeto poético bastante em si, nivelando Fraternalmente o Eu e o mundo como assuntos de poesia. (CANDIDO, Antonio. *Inquietudes na poesia de Drummond*, pag. 67)

É necessário tratar *Alguma poesia* com total importância, sendo esta a obra que estabelece o primeiro contato com o individualismo, e para melhor compreender o indivíduo, é preciso explorar o “período irônico” da obra de Drummond para além de suas semelhanças, o mais importante é compreender o que difere o Eu de *Alguma poesia* para o Eu de *explorado* na “crise de 30”.

No primeiro poema de *Alguma poesia*, encontramos o indivíduo na condição de “gauche”, ou seja, no sentido de deslocado no mundo. A característica ser ou estar deslocado advém do mandamento do “anjo torto” no Poema de sete faces:

*Quando nasci, um anjo torto
Desses que vivem na sombra
Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida*

*As casas espiam os homens
Que correm atrás de mulheres
A tarde talvez fosse azul
Não houvesse tantos desejos*

*O bonde passa cheio de pernas
Pernas brancas pretas amarelas
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração
Porém meus olhos
Não perguntam nada*

*O homem atrás do bigode
É sério, simples e forte
Quase não conversa
Tem poucos, raros amigos
O homem atrás dos óculos e do bigode*

*Meu Deus, por que me abandonaste
Se sabias que eu não era Deus
Se sabias que eu era fraco*

Mundo mundo vasto mundo

*Se eu me chamasse Raimundo
 Seria uma rima, não seria uma solução
 Mundo mundo vasto mundo
 Mais vasto é meu coração*

*Eu não devia te dizer
 Mas essa lua
 Mas esse conhaque
 Botam a gente comovido como o diabo*

As “sete faces” do poema de Drummond, aqui exploradas, tentam dialogar com sete aspectos da personalidade do “eu todo retorcido”, de modo que as fragmentadas faces, quando unidas, formam um indivíduo reflexivo, que em todo o poema contempla sobre seu estar no mundo. É possível perceber que, embora o poeta se utilize bastante do sarcasmo e da ironia, até mesmo em faces relacionadas a Deus (o que pode conferir um tom até blasfematório), o conjunto das faces é repleto de angústias e perplexidades, segundo Davi Arrigucci Jr:

Percebe-se, no entanto, que esse quadro de desencontros está permeado de perplexidade e angústia, misturando-se a sensação de mal-estar à comicidade que parece marcar o destino errante do poeta fraco e desajeitado, tal como ele próprio se apresenta. (ARRIGUCCI Jr, Davi. Coração partido. Pag. 36)

Desajeitada encontra-se também a forma e matéria do poema, que embora seja fiel a harmonia das “sete faces”, (não reproduzindo nenhuma estrofe a mais ou a menos), se estabelece em total desarmonia, o que aponta certa influência modernista, já que a escrita tradicional pregava poemas com rimas e uma métrica linear de forma geral. A desarmonia do poema é percebível primeiro por sua métrica, que não acompanha as estrofes em harmonia, pois o poema apresenta quantidades de versos diferentes a cada

face explorada e sua métrica não é sempre igual. No que diz respeito à matéria poética, os assuntos tratados também não estão organizados, são descontínuos a maneira que as estrofes vão sendo construídas.

Toda essa desajeitada escrita, descontínua a cada estrofe, de métrica irregular a cada verso, repleta de sarcasmo e reflexão, em que o Eu se modifica no decorrer da matéria, mostra como Drummond se aproxima do modernismo da década de 20, pois as características do “Poema de sete faces”, mesmo que não sejam intencionais, vão ao encontro do movimento, que vinha se propagando de maneira mais forte desde a Semana de Arte Moderna de 1922, quando sua presença tornou-se mais expressiva.

Na primeira “face” Drummond utiliza-se da palavra francesa *gauche*, que em português significa “esquerdo” e também “desajeitado” e “deslocado”. Portanto, no poema esse “eu”, que tem o nome do poeta, carrega um sentido de deslocamento do mundo, como alguém não-pertencente, basicamente alguém que está “à esquerda” do mundo. O poema reflete esse sentir-se isolado, embora não especule diretamente sobre as causas desse isolamento.

É interessante observar que o a afinidade entre um anjo se encontra na condição de “torto” e o eu poético que se encontra na condição de *gauche*.

A segunda “face” passa para um aspecto contemplativo, onde as ações e sentimentos se reduzem aos olhos reflexivos.

Esta face, construída de acordo com uma regularidade métrica, diferentemente das outras, nos aproxima da característica inquieta dos olhares e do desejo da “segunda face”. O desejo do sujeito lírico se entrelaça nesta estrofe com os desejos do poeta, ao optar por ocultar a conjugação do último verso, a fim de causar um efeito rítmico ao poema, Drummond ao invés de usar “Se não houvesse tantos desejos”, opta por “Não houvesse tantos desejos”, verso esse que está posto junto do desejo do Eu em que a tarde fosse azul, e que ironicamente não houvesse mais desejos.

A terceira “face” é a que reflete sobre sua posição também reflexiva a respeito do que acontece no mundo a sua volta e postos sobre uma metonímia¹ (pessoas por pernas, boca por olhos)

¹ Figura de linguagem em que o objeto é designado por uma palavra que se refere à outra, por existir uma relação entre as duas. Os termos em metonímia estabelecem entre si uma relação de contigüidade, de proximidade, fazendo com que haja entre ambos certa interdependência

Exemplo: “Pernas”, por “Pessoas”, “Justiça” por “Balança”, “Ler Machado de Assis” por “obra de Machado”.

Há nesta “face” “uma inquietação num tom de espanto e angustia sobre o mundo:” Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração”. Porém tal inquietação acontece aos olhos de um acontecimento corriqueiro e comum,

[...] O bonde passa cheio de pernas [...].

Nota-se nessa estrofe certo traço modernista no verso “Pernas brancas pretas amarelas”, cujas palavras não estão separadas por vírgulas, como a sugerir uma seqüência de imagens sobrepostas.

Ainda na terceira “face”, o conflito entre “coração” e “olhos” nos interessa, Sendo mais concreto, o conflito entre a emoção e vontade se estabelece de modo que o desejo dos olhos em se calar ultrapassa o desejo do coração em perguntar, esse aspecto mostra que esta “face” que quer compreender o mundo

Em outros poemas o corpo do Eu na poesia de Drummond parece não representar só o material e o externo, mas também sentimentos e ambições de um Eu bastante expressivo.

A quarta “face” reflete sobre o Eu após a confusão da estrofe anterior e mostra um indivíduo comum, que é “sério, simples e forte”, contrapondo-se à terceira “face” repleta de angustia, inquietação e espanto diante o mundo, e também bastante diferente do Carlos *gauche* na primeira estrofe. Essa “face” parece negar seu sentimento de *gauche* e produz um auto-retrato literário de Drummond na década de 20, forte e sério, parecido com o retrato feito por Pedro Nava:

Este abonou “os óculos de sempre”, “a boca bem desenhada meio encoberta pelos bigodes da época”, a “expressão geralmente séria”. Nava depôs ainda: “Era muito reservado, quase verecondioso – o que não quer dizer que deixasse de ser conversado” (NAVA, Pedro. Passos de Drummond: Alcides Villaça. Pag. 28)

A quinta “face” mostra um Eu clamando por contato com Deus, e expõe o abandono em que se encontra. Em relação à estrofe anterior, esta se mostra mais dramática, mais confessa sua fraqueza, mostra-se mais confidente. Se

antes o bigode, sua forma séria e firme agregavam valor social, agora seu estado de abandono lhe aproxima do vago, do “abandonado por Deus”.

A sexta “face” reflete o quão é desorganizada a relação de seu coração com o tamanho desse “Mundo mundo vasto mundo”, onde a solução para a poesia não é a mesma para o mundo, pois para este não é suficiente apenas uma rima. Na análise desta “face” por Francisco Achcar, o mesmo diz que o último verso dessa estrofe retoma um poema do século 18, de Tomas Antônio Gonzaga, para acompanhar a rima do antepenúltimo verso:

Eu tenho um coração maior que o mundo;

Tu, formosa Marília, bem o sabes:

Um coração, e basta,

Onde tu mesma cabes

(ACHCAR, Francisco. 2000. Pag. 23)

A sétima “face” e última do poema aparece num tom de confissão resistente, parece querer se desculpar pelas palavras que falam sobre seus sentimentos usadas na estrofe anterior, como se negasse esse tipo de escrita mais confessa expondo seus sentimentos, ou melhor, suas “faces”. do mesmo modo que a quarta “face” negou ser “gauche”, como se o sentimento romântico da sexta “face” fosse fruto da observação da lua junto a um copo de conhaque, ou seja, relativo a coisas de momento.

Portanto, nesse poema, da década de 20, entramos em contato com “sete faces” do indivíduo, já repleto de angustias, espantos e inquietações, em que o conjunto das faces mostra esse “Eu torto” da poesia.

Nesse momento inicial, é possível perceber que o indivíduo é bastante isolado, às vezes se encontra abandonado, às vezes se distancia da relação com o vasto mundo, que parece rejeitá-lo. Demonstra certo desencantamento com o mundo e até com Deus. É freqüente o uso da ironia diante as problemáticas que surgem.

Outra característica muito presente já nessa fase inicial da obra poética drummondiana é seu aspecto reflexivo. É interessante observar que essa tendência à reflexão diz respeito principalmente ao indivíduo, o qual se exprime por auto-análise.

Outro poema que acompanha essa reflexão constante é “No meio do Caminho”, que também pertence ao livro *Alguma poesia*:

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

Publicado antes do “Poema de sete faces”, “No meio do caminho” abre o diálogo com o aspecto reflexivo, porém não o faz de modo convencional, pois a reflexão neste caso é sobre uma pedra que está no meio de seu caminho. O poema não possui rimas e muito menos vírgulas, e por sua influência modernista foi ridicularizado na imprensa e nas escolas (GLEDSON. 1981. Pag. 77). “No meio do caminho” não se aproximava em nada da poesia convencional, pois era moderna e, por isso mesmo, muito criticada. A Drummond restou xingamentos, agressões e um poema ridicularizado por parte dos intelectuais da época. Por outro lado, houve quem admirasse aqueles versos, compreendendo-os como expressão do cansaço existencial, sugerido pela pedra como símbolo de obstáculo. Os versos podem sugerir ainda a idéia de uma vida monótona e de um universo misterioso. (ACHCAR. 2000. pag. 17)

“No meio do caminho” tornou-se um poema indissociável ao nome Drummond e também um dos mais célebres do modernismo. Na *Antologia poética* organizada pelo próprio Drummond, o poema está presente no capítulo que marca o sentimento do indivíduo na década de 20: “Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo”.

“CRISE DE 30”

A o termo problema foi utilizado por Antonio Candido em seu ensaio “Inquietudes na poesia de Drummond”, para se referir aos problemas que o Eu começava a conflitar na década de 30, então decidimos agregar o termo problemático ao termo individualismo, já que iremos tratar das questões de um individuo cheio de problemas (mais a frente explorados) ao longo das obras de Drummond.

A poesia da família e a poesia social, muito importantes na sua obra, decorreriam de um mecanismo tão individual quanto a poesia de confissão e autoanálise, enrolando-se tanto quanto elas num eu absorvente. Trata-se de um problema de identidade ou identificação do ser, de que decorre o movimento criador da obra na fase apontada, dando-lhe um peso de inquietude que a faz oscilar entre o eu, o mundo e a arte, sempre descontente e contrafeita. (CANDIDO, pag. 113. 1970)

O termo individualismo problemático nos conecta com o eu deslocado do mundo, com a vivência de Drummond, e nos aproxima dos conflitos presentes na obra. Desse modo, tal expressão nos permite compreender melhor as diferentes características de uma personalidade poética.

Na sua extensa obra poética, destacamos um dos problemas fundamentais: o individualismo. Trata-se do individualismo problemático que permite articular a poesia de auto-análise, a poesia social, os poemas que se voltam para assuntos de família e aqueles que terão maior destaque em nosso estudo, os de interrogação do individuo. O individualismo que tanto aparece em *Alguma poesia*, agora parece passar por uma crise que atravessa *Brejo das almas* e *Sentimento do mundo*.

O termo “crise” é utilizado por John Gledson, no livro *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*, para melhor caracterizar as tensões que caracterizaram os anos 30, tanto no âmbito literário, quanto no contexto social, político e cultural do Brasil. As tensões de 30 muito estavam ligadas a política, mais diretamente as idéias da esquerda e direita que começavam a cativar o mundo literário. Ao situar a crise naquele decênio, o crítico procura relacionar tais tensões e as obras de Drummond, *Brejo das almas* (1934) e *Sentimento do mundo* (1940). Junto com as tensões políticas, apareceram as tensões na

literatura, e cada vez mais a necessidade de assumir uma postura social ou de se posicionar politicamente foi seduzindo os escritores.

Segundo John Gledson, Drummond não assumiu uma postura social tão rápido, como fizeram outros escritores:

[...] a reação de Drummond não foi súbita e decidida como, por exemplo, as de Oswald de Andrade ou de Cassiano Ricardo, e os poemas do livro que podemos qualificar de políticos – “Hino Nacional” e “Grande homem pequeno soldado” – mantêm o tom de zombaria que o poeta de Alguma poesia reserva para tais generalidades.

(GLEDSON, John. 1981. Pag. 90)

Em uma entrevista para *A pátria* em 1931, que foi republicada no livro de John Gledson, Drummond parece perceber que os anos 30 seriam cheios de conflito, os quais seriam de grande interesse para sua poesia e para o modernismo, revelando ainda uma situação de desconforto, não apenas sua, mas geracional:

“Vamos fazer trinta anos, alguns de nós já os fizeram, e por mais que nos digam que ainda temos vinte anos pela nossa frente, ninguém nos convencerá que no futuro realizaremos alguma coisa. Porque não temos nem o desejo, nem o gosto, nem o poder de realizar. Em conjunto a literatura não nos interessa, pelo menos não a nossa literaturazinha”.

O desconforto presente na atmosfera do início dos anos 30 foi o que motivou a crise e os conflitos que surgiram, pois, os anos 20 tinham fomentado idéias de mudança, tanto na cultura como na política, o que restava era colocar em prática as modificações, como foi dito por Drummond na entrevista. (Antonio Candido, *Novos estudos*, Capítulo: A revolução de 1930 e a cultura.

Em meio aos conflitos dispostos na época de 30, Drummond publica seu segundo livro: *Brejo das almas*.

O livro *Brejo das almas* se encontra entre duas outras obras, o primeiro livro *Alguma poesia* e o terceiro *Sentimento do mundo*. Em geral a crítica da época juntou *Brejo das almas* a *Alguma poesia*, por

possuir seu teor ainda de zombaria, sendo considerada uma obra da fase de ironia do poeta, ou como sendo só um livro intermediário. Entretanto, como dito antes, esta obra possui suas particularidades, principalmente no que diz respeito ao indivíduo problemático.

O Eu em *Brejo das almas* ainda aparece em tons de ironia, porém, sua fala sobre as soluções para os problemas parece mais madura, na medida em que se mostra totalmente descrente delas ou as restringe. Há também no livro uma reflexão sobre os mecanismos do amor. No primeiro livro, toda a angústia, insatisfação com o mundo decorre do indivíduo, de uma postura individualista. Em *Brejo das almas* tal individualismo é até mais exacerbado, diz o próprio Drummond, mas já alguma consciência da precariedade de tal postura:

*Perdi o bonde e a esperança.
Volto pálido pra casa.
A rua é inútil e nenhum auto
Passaria sobre meu corpo.*

*Vou subir a ladeira lenta
em que os caminhos se fundem.
Todos eles conduzem ao
princípio do drama e da flora.*

*Não sei se estou sofrendo
ou se é alguém que se diverte
por que não? na noite escassa*

*com um insolúvel flautim.
Entretanto há muito tempo
nós gritamos: sim! ao eterno.*

No “Soneto da perda da esperança”, o Eu se encontra em um estado de contemplação sobre si, e o mundo começa a interferir nas ações e pensamentos do desse individualismo mais presente agora. O indivíduo volta pra casa, melancólico após perder o “bonde da esperança”, e pretende seguir por qualquer caminho, pois todos levam ao mesmo lugar, ao “princípio do drama e da flora”, sem solução.

Na terceira estrofe o Eu se questiona sobre o mundo, e embora não diferencie a realidade da ilusão, sente-se desconfortável á possibilidade de alguém estar sorrindo enquanto ele está angustiado e triste.

A aproximação do individuo com o mundo é notável, e não acontece por acaso. Mais concretamente, a época de crise influenciou a construção de *Brejo das almas*, e estabeleceu o conflito entre a postura individualista, que passa a ser objeto da autocrítica severa do próprio poeta, e as exigências que se colocam a partir de meados dos anos 1930: a necessidade de assumir alguma postura de intervenção social, de participação.

Drummond, porém, ao contrário de outros autores, não assumia a postura de transformar a literatura em mera manifestação social, mesmo que abordasse o lirismo social, Drummond não restringiria sua poesia á ideologia política, enquanto seus colegas de literatura, freqüentemente se punham ao lado da sedutora experiência comunista, ou da tradicional direita do espiritualismo católico.

Por exemplo, no poema “Hino Nacional”, o Eu não manifesta suas idéias políticas, mas consegue mostrar certa preocupação com o mundo, e até se manifestar sobre o social de modo irônico.

*Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
Precisamos colonizar o Brasil.*

*O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia,
alemãs gordas, russas nostálgicas para
garçonnettes dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
Não convém desprezar as japonesas.*

Nesse poema, percebe-se o desejo do Eu de possuir, ou melhor, de conhecer o intimo nacional, que em contraste com o “gauche” isolado e reflexivo, agora fala com o mundo, para tentar entendê-lo.

*Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professores e livros,*

*assimilaremos finas culturas,
abriremos dancings e subvencionaremos as elites.*

*Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.
E cuidaremos do Estado Técnico.*

*Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes paixões...
os Amazonas inenarráveis... os incríveis João-Pessoas...*

O Eu idealiza um Brasil que possui lugar para cada brasileiro refere-se à grandeza de seu país até mesmo nos erros. Porém o Eu não conhece todo o Brasil, ele aponta necessidades ao repetir a palavra “precisamos”, mas ainda tem o desejo de conhecer o íntimo nacional.

*Precisamos adorar o Brasil.
Se bem que seja difícil caber tanto oceano e tanta solidão
no pobre coração já cheio de compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que querem esses homens,
por que motivo eles se ajuntaram e qual a razão de seus sofrimentos.*

Esta estrofe é interessante, pois parece resumir o que é o indivíduo problemático em *Brejo das almas*. O Eu certamente entra em contato com o mundo nesta obra, e percebe seus conflitos, porém começa a se questionar por sua dificuldade em compreender “o que querem esses homens” no meio da crise.

*Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado,
ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?*

Na última estrofe, depois de descobrir, colonizar, educar, louvar e adorar, o indivíduo ironicamente diz que é necessário esquecer o Brasil, e que este majestoso, sem limites e despropositado país não nos quer.

Por fim, a reflexão do indivíduo não possui desfecho, fica em aberto, pois, “Nenhum Brasil existe”, não há solução para a procura da sua identidade nacional. Entretanto o Eu se mostrou mais próximo do mundo, e mesmo não conseguindo compreendê-lo a priori, desejou entender a crise e seus conflitos.

No mesmo sentido de *Alguma poesia*, que foi publicada em 1930, porém construída na década de 20, o livro seguinte a *Brejo das almas* foi publicado em 1940, mas sua elaboração parte da segunda metade dos anos 30, e o mesmo ainda possui características da crise presente no segundo livro. *Sentimento do mundo* é uma obra bem mais madura que seus antecessores, e explora o início de uma maturidade artística que percorre os próximos livros.

O que difere esta obra das outras, e a torna mais madura, está diretamente ligado ao modo como o Eu dialoga com o mundo. Após perceber que o mundo é cheio de conflitos, e que não os compreende, o Eu passa a explorar o exterior estando ciente de suas limitações, como expõe posteriormente no poema “A flor e a Náusea”: “Preso à minha classe e a algumas roupas, /vou de barco pela rua cinzenta [...]”.

Na segunda metade de 30, a necessidade de tomar partido havia se intensificado cada vez mais:

[...] A Europa vivia o clima que culminaria com a eclosão da Segunda Guerra Mundial e o Brasil assistia à insistência de Vargas em apegar-se ao poder, que o conduziria ao golpe do Estado Novo – oficialização da ditadura. Tais fatores determinam uma tensão política à qual dificilmente o poeta poderia ficar alheio.

No entanto, Drummond não deixa de se questionar a respeito das potencialidades efetivas da poesia política. Esse questionamento confere uma interessante oscilação a sua arte: de um lado, temos a reafirmação da necessidade de uma reação à opressão e, de outro, a manifestação de fatalismo diante das dificuldades dessa reação [...]. (Fernando Marcílio, matéria do Globo sobre *Sentimento do mundo*)

A relação Eu/mundo parece agora caminhar à luz da exploração do exterior, incentivada pela necessidade cada vez mais próxima de assumir um papel de intervenção social: o exterior é explorado pelo eu, na tentativa de compreender e sentir o mundo, como no poema “Sentimento do mundo”, que abre a obra:

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.*

O Eu começa o poema nos informando de suas limitações para entender o mundo: “Tenho apenas duas mãos”, porém ele não deixa de ser também “o sentimento do mundo”

*Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.*

*Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.*

Nessas estrofes o indivíduo começa a mostrar seu amadurecimento, diante da compreensão de seus limites no contato com o mundo. O Eu agora, para além de saber da crise (guerra), sabe do que precisa para combatê-la

(fogo e alimento). Porém, novamente esbarra nos próprios limites e pede desculpas ao mundo por não compreendê-lo ainda.

*Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microcopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer*

*esse amanhecer
mais noite que a noite.*

Nessas últimas estrofes, o indivíduo mostra seu olhar pessimista sobre o mundo e anuncia um possível futuro tenebroso, onde ele volta a ficar só, como o “gauche” de *Alguma poesia*, e o mundo torna-se “mais noite que a noite”. Assim, é possível verificar o amadurecimento do indivíduo problemático, o qual volta-se para si e para o mundo. Ainda que em pessimista, importa a relação Eu/mundo.

“Sentimento do mundo” é o poema que deu nome ao livro e o primeiro da obra. O poema nos conecta com a visão de mundo do poeta, que não é nem um pouco otimista, porém é repleta da realidade conflituosa do mundo.

Outro poema do mesmo livro em que se expõe a relação entre o individual e o coletivo é “Confidência do Itabirano”:

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.*

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;*

*este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...*

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

Nesse poema sobre o passado na cidade de origem de Drummond, no que diz respeito ao Eu presente em “confidência do Itabirano”, nota-se que, segundo ele, o ferro é o elemento comum entre o que remete à vida coletiva em Itabira (ferro nas calçadas) e o que é próprio da vida íntima de cada homem (ferro na alma).

Itabira está presente em grande parte da obra de Drummond como o lugar de origem, de infância. Mas o poeta não se encontra mais em Itabira, está na metrópole, Rio e Janeiro, e essa diferença de locais em situações de tempos diferentes começa a refletir no consciente do Eu. Neste poema aparecem as diferenças entre o presente e as lembranças do Eu: vontade de amar/hábito de sofrer; ouro, gado e fazendas/funcionário público; antes uma vida em Itabira/hoje só lembranças.

Há também o sentimento de isolamento em Itabira, de noites brancas, sem mulheres e sem horizontes, porém o sofrimento que a solidão lhe causava o diverte hoje, no presente, ao lembrar-se de Itabira.

Desse modo, comparando as lembranças de um indivíduo reflexivo, o Eu tenta explorar o mundo a partir de seus sentimentos, e compreende um mundo de necessidades e infelicidades, mas principalmente das lembranças de Itabira.

No livro “Sentimento do mundo”, o interesse pelas questões sociais tem força que o diferencia de *Alguma poesia* e *Brejo das almas*. O indivíduo, agora, parece querer se aproximar mais do social e sua posição ideológica começa a se tornar mais clara, à medida que o sentimento do mundo vai sendo explorado pelo Eu. Um exemplo de preocupação com as diferenças sociais, de classe, é “O operário no mar”, que mostra a progressiva afinidade, que se constituía à época, de Drummond com posicionamentos mais à esquerda:

Na rua passa um operário. Como vai firme! Não tem blusa. No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes. Esse é um homem comum, apenas mais escuro que os outros, e com uma significação estranha no corpo, que carrega desígnios e segredos. Para onde vai ele, pisando assim tão firme? Não sei. A fábrica ficou lá atrás. Adiante é só o campo, com algumas árvores, o grande anúncio de gasolina americana e os fios, os fios, os fios. O

operário não lhe sobra tempo de perceber que eles levam e trazem mensagens, que contam da Rússia, do Araguaia, dos Estados Unidos. Não ouve, na Câmara dos Deputados, o líder oposicionista vociferando. Caminha no campo e apenas repara que ali corre água, que mais adiante faz calor. Para onde vai o operário? Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos. Tenho vergonha e vontade de encará-lo: uma fascinação quase me obriga a pular a janela, a cair em frente dele, sustar-lhe a marcha, pelo menos implorar lhe que suste a marcha. Agora está caminhando no mar. Eu pensava que isso fosse privilégio de alguns santos e de navios. Mas não há nenhuma santidade no operário, e não vejo rodas nem hélices no seu corpo, aparentemente banal. Sinto que o mar se acovardou e deixou-o passar. Onde estão nossos exércitos que não impediram o milagre? Mas agora vejo que o operário está cansado e que se molhou, não muito, mas se molhou, e peixes escorrem de suas mãos. Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido. A palidez e confusão do seu rosto são a própria tarde que se decompõe. Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar. Único e precário agente de ligação entre nós, seu sorriso cada vez mais frio atravessa as grandes massas líquidas, choca-se contra as formações salinas, as fortalezas da costa, as medusas, atravessa tudo e vem beijar-me o rosto, trazer-me uma esperança de compreensão. Sim, quem sabe se um dia o compreenderei?

O Eu, que se manifesta no poema, é um homem que observa um operário a caminho do mar. O texto trabalha com a distância entre o operário e o burguês. O operário é descrito por imagens que caracterizam o socialismo, “No conto, no drama, no discurso político, a dor do operário está na blusa azul, de pano grosso, nas mãos grossas, nos pés enormes, nos desconfortos enormes...”, e assim o movimento socialista é refletido no operário.

O Eu observa que o operário caminha firme pelo campo, e mesmo a fábrica estando lá atrás, o operário continua caminhando enquanto passa pelo grande anúncio de gasolina americana, o que vai de encontro a um possível começo do posicionamento de Drummond quanto ao conflito entre capitalismo e socialismo exacerbado da época. É importante novamente tocar no amadurecimento do Eu, que reconhece a separação de classes entre os dois e se depara com seus limites: “Teria vergonha de chamá-lo meu irmão. Ele sabe que não é, nunca foi meu irmão, que não nos entenderemos nunca. E me despreza... Ou talvez seja eu próprio que me despreze a seus olhos”.

Ao dizer: “Daqui a um minuto será noite e estaremos irremediavelmente separados pelas circunstâncias atmosféricas, eu em terra firme, ele no meio do mar”, o sujeito poético continua a reconhecer o afastamento causado pela diferença de classes, mas no final do poema, fala sobre algo que move tanto o pequeno burguês, que ele possivelmente é, quanto o operário: a esperança. Esperança que move o operário socialista, e a esperança do Eu na janela, que espera um dia, compreender o operário.

Desde *Alguma poesia* é possível perceber as modificações do indivíduo na obra de Drummond, e, como veremos, em *José e A rosa do povo*, tal questão alcança maior complexidade.

Em um primeiro momento, o indivíduo buscava principalmente contemplar o mundo e refletir sobre si. Posteriormente, esse mesmo mundo começou a interferir mais sensivelmente no indivíduo – e este, ao considerar de outro modo aquele, parecia mais preocupado e maduro. Em um terceiro momento, que se estabelece em *Sentimento do mundo*, o indivíduo se coloca a explorar o mundo, com o intuito de compreender o mesmo.

No final de contas, essa exploração do *Sentimento do mundo* acaba por exprimir uma aproximação inicial mais engajada acerca das questões sociais, que se mostram bem mais transparentes. Drummond foi um dos poetas que se aproximou de um posicionamento à esquerda, bastante presente nas obras posteriores a *Sentimento do mundo* e anteriores a *Claro enigma*, Drummond procurou dialogar cada vez mais com o discurso social.

O LIRISMO SOCIAL

Posteriormente a *Sentimento do mundo*, Drummond parece se aproximar cada vez mais do lirismo social, fruto da “crise de 30” e da necessidade de assumir uma posição.

Se antes o Eu refletia bastante sobre o mundo, agora nas obras da década de 40 o Eu começa a agir diante o mundo, e grande parte desse “agir” aparece no livro posterior a *Sentimento do mundo: José* (1942).

John Gledson diz que é atraente falar que *José* é uma obra única e incomum em relação às outras obras:

[...] é tentador para o crítico concluir que *José* é uma realização *sui generis*², um momento de equilíbrio e perfeição clássicos, onde todas as tensões se resolvem dentro da harmonia total. [...] o domínio das formas mais longas, o uso de ritmos constantes e até uma sobriedade lingüística (relativa), todos apontam para este ideal.

(GLEDSON, John. 1981. Pag. 159)

Após as experiências do individualismo em *Alguma poesia*, *Brejo das almas* e *Sentimento do mundo*, o poeta em *José* parece encontrar de fato certo equilíbrio no que diz respeito ao Eu/mundo. Para além dos aspectos lingüísticos e estruturais que diferem a poesia de *José* dos demais, Drummond agora estabelece uma relação diferente entre o indivíduo (sendo em vez o itabirano, José ou outros personagens) e o mundo.

² Etimologia (origem de *sui generis*). Do latim *sui generis*.

Único; que não se parece com nenhum outro; único em seu gênero: expressão *sui generis*; inteligência *sui generis*.

O Eu agora atua cada vez mais no mundo antes analisado e explorado, e exprime um esforço para acabar com o “espaço” entre os dois, como é percebível no poema *José*:

*E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?*

*Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?*

*E agora, José?
Sua doce palavra,
seu instante de febre,
sua gula e jejum,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de vidro,
sua incoerência,
seu ódio — e agora?*

*Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?*

*Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse
a valsa vienense,
se você dormisse,
se você cansasse,
se você morresse...
Mas você não morre,
você é duro, José!*

*Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?*

O poema “José”, em linhas gerais, fala sobre o sentimento de deslocamento e isolamento de José perante o mundo, em que o protagonista da poesia se encontra diante de diversos conflitos sem solução ao ser questionado sobre ações futuras.

Dentro da grande questão do poema, “e agora José?”, se encontram acontecimentos que parecem apresentar algumas causas do isolamento e deslocamento de José, porém, é importante dizer que a questão do poema aproxima José das “respostas” presentes em *A rosa do povo*.

[...] o desejo urgente de escapar de tal espaço tornou-se um movimento contínuo que revela uma ameaça a qualquer sentido de forma ou de ordem, coisa que já prefigura a explosão de *A rosa do povo*.

(GLEDSON, John. 1981. Pag. 142)

É bastante presente em “José” o aspecto da solidão, onde antes havia algum resquício de alegria, agora só resta tristeza com um fundo de melancolia, pois “a festa acabou”.

O Eu desse poema, diferente de outras obras, está em constante contato com o mundo, e o espaço passa a interagir com o indivíduo, como visto nos trechos:

*a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou*

[...]

*o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio*

O mundo age sobre o indivíduo neste poema, alguém apagou a luz, as pessoas vão em bora, a noite esfria José, o dia não vem, o bonde não aparece, e ninguém o faz rir. Em nenhum desses versos José tem uma escolha, todos os acontecimentos são impostos. O mundo agora está junto do Eu e suas ações conjuntas causam a solidão de José.

Novamente, ressaltando a mudança do Eu que parece tratar o mundo como igual, estão os versos:

*você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?*

O indivíduo aqui não é indiferente aos outros, pois ele também zomba, faz versos, também ama, e também não é indiferente aos acontecimentos voltados ao social, pois o mesmo também protesta.

José carece de muitas coisas, não tem mulher, discurso e nem carinho, e as coisas se agravam, pois ele também não possui escapatórias para sua carência, pois ele não pode beber, fumar e muito menos cuspir.

José sente que não consegue agir para resolver os problemas, tudo já acabou, já fugiu e já mofou, mas ele ainda tenta acabar com o espaço entre si e o mundo “*Com a chave na mão quer abrir a porta*”, mas “*não existe porta*”, tenta então acabar com toda essa angustia “*Quer morrer no mar*”, mas “*o mar secou*”.

O Eu tenta se conectar com seu passado e “quer ir pra Minas” (Minas foi onde Drummond nasceu e viveu parte de sua vida), mas “Minas não há mais”, e assim ele se mantém totalmente sozinho, sem nenhuma crença a se aproximar e sem nada para fugir de toda essa situação, José se mantém sólido, pois não morre mesmo que grite, que toque, que canse, ele se mantém sólido, porém sozinho.

José é a obra onde o indivíduo problemático parece estar mais consciente sobre a relação individualismo/mundo, parece ter sanado seus conflitos e também começa a tomar um posicionamento antes exigido na “crise de 30”, agora mais presente em *A rosa do povo*.

A rosa do povo é o livro mais extenso de Drummond, contando com um total de 55 poemas, foi lançado em 1945 e é a obra de maior ênfase do lirismo social, ou seja, possui uma escrita onde o indivíduo problemático (se aproximando de um posicionamento), se volta para as questões sociais, como diz Antonio Candido:

Na fase mais estritamente social (a de *Rosa do povo*) notamos, por exemplo, que a inquietude pessoal, ao mesmo tempo que se aprofunda, se amplia pela consciência do “mundo caduco”, pois o sentimento individual de culpa encontra, senão consolo, ao menos uma certa justificativa na culpa da sociedade, que a equilibra e talvez em parte a explique.

(CANDIDO, Antonio. 1970. pag.127)

O Indivíduo problemático aqui, após passar por todo um processo de amadurecimento de *Alguma poesia* a *José*, procura assumir uma postura de

falar com o coletivo, o que antes não era tão transparente, agora aparece mais amadurecido e ainda crítico e irônico.

Como aconteceu na década de 30, a necessidade de assumir uma um posicionamento ideológico, continuava a influenciar a literatura em si, mais diretamente, os escritores e intelectuais da época, que se punham próximos a idéias da esquerda ou da direita.

Francisco Achcar fala sobre a aproximação do lirismo social, no livro Carlos Drummond de Andrade:

E a densidade da experiência do mundo naquele momento fazia que a poesia se abrisse para a luta social, para a participação na vida coletiva da época. Esse envolvimento tem sentido oposto ao do compromisso com a linguagem, pois impõe ao poema que se volte para a comunicação, para a ação, quando ele é, por natureza, investigação, contemplação. [...] os poemas de *A rosa do povo* foram escritos nos anos sombrios da ditadura de Getúlio Vargas e da segunda guerra mundial.

(ACHCAR, Francisco. 2000. Pag. 49)

Dentro dessa expressão pela luta social, se encontra o indivíduo que faz parte da sociedade, e também é rebelde, quando posto diante as suas auto-análises. Parte dessa rebeldia e visão da sociedade, juntamente com certo posicionamento e crítica a época, está presente no longo poema “Nosso tempo”, que se divide em oito partes.

O poema logo no início se mostra crítico a época, em um tom de zombaria.

*Esse é tempo de partido,
tempo de homens partidos.*

*Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.*

*A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.
As leis não bastam. Os lírios não nascem
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se
na pedra.*

O poema começa falando que “Esse é [...] tempo de homens partidos”, e o Eu deixa a entender que irá falar sobre “esses homens partidos”, como uma contemplação a esses terceiros, mas o indivíduo aqui tratado é diferente das outras obras como já foi dito, o Eu logo trata de se encaixar no mundo e a falar não “deles” (homens partidos), mas de “Nós” (pertencentes a esse tempo e homens partidos). Ainda nessa parte, o Eu explora já o seu tempo, que parece excluir e isolar alguns homens, pobres homens, que “pedem carne. Fogo. Sapatos. As leis não bastam”.

*Esse é tempo de divisas,
tempo de gente cortada.
De mãos viajando sem braços,
obscenos gestos avulsos.
Mudou-se a rua da infância.
E o vestido vermelho
vermelho
cobre a nudez do amor,
ao relento, no vale.
Símbolos obscuros se multiplicam.
Guerra, verdade, flores?*

Na segunda parte o tempo se mostra “de divisas”, ou seja, o indivíduo fala de uma época de escolha de lados, de pessoas divididas, “gente cortada”, e ainda mais, um tempo de mudanças, onde “mudou-se a rua da infância” e agora o que restou foi escombro e o silêncio, o que ressalva uma imagem de guerra/conflito abordada no poema, como expresso na quarta parte:

*É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso*

*na esquina. Tempo de cinco sentidos
num só.*

[...]

*É tempo de cortinas pardas,
de céu neutro, política
na maçã, no santo, no gozo,
amor e desamor, cólera
branda, gim com água tônica,
olhos pintados,
dentes de vidro,
grotesca língua torcida.
A isso chamamos: balanço.
No beco,
apenas um muro,
sobre ele a polícia.
No céu da propaganda
aves anunciam
a glória.
No quarto,
irrisão e três colarinhos sujos.*

O primeiro trecho indica o meio silêncio do mundo, como se o próprio Drummond estivesse hesitando antes de falar algo. Posteriormente o Eu vai de encontro à “natureza absoluta da corrupção, pois o céu antes neutro, agora o “céu da propaganda” que anuncia glória. (GLEDSON, John. 1981. Pag.167).

Ainda nessa parte há uma imagem que pode ser a causa do silêncio ou retrato da época, “*No beco, apenas um muro, sobre ele a polícia.*” É interessante como neste poema o indivíduo deixa em aberto certos conceitos, mas mesmo assim os expõe como no trecho citado acima, ou como no trecho “*E o vestido vermelho, vermelho*”, onde o Eu não responde o que é o tal vestido vermelho, vermelho.

Num mundo tão caótico, como podemos
esperar poemas honestos e ao mesmo tempo
inteiramente claros?

(GLEDSON, John. 1981. Pag.168).

*O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.
 Multidões que o cruzam não vêem. É sem cor e sem cheiro.
 Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,
 vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,
 toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.
 Escuta a hora expandongada da volta.
 Homem depois de homem, mulher, criança, homem,
 roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,
 homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem,
 imaginam esperar qualquer coisa,
 e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,
 últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,
 já noite, entre muros apagados, numa
 suposta cidade, imaginam.*

Nesse trecho o indivíduo faz uma crítica ao sistema capitalista de modo geral, ao “esplêndido negócio” que atinge multidões, pessoas que tentam extrair uma porcentagem do que é mais pessoal, e que no final de contas “se quedam mudos [...] sentam-se, últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa, já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade, imaginam.”

No livro *A rosa do povo*, o indivíduo problemático se aproxima das idéias socialistas da época, como exposto em “Carta a Stalingrado”:

*Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!
 O mundo não acabou, pois que entre as ruínas
 outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,
 e o hálito selvagem da liberdade
 dilata os seus peitos, Stalingrado,
 seus peitos que estalam e caem,
 enquanto outros, vingadores, se elevam.*

*A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.
 Os telegramas de Moscou repetem Homero.
 Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo
 que nós, na escuridão, ignorávamos.
 Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída,
 na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas,
 no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das bombas,
 na tua fria vontade de resistir.*

[...]

As cidades podem vencer, Stalingrado!

Penso na vitória das cidades, que por enquanto é apenas uma fumaça subindo do Volga.

Penso no colar de cidades, que se amarão e se defenderão contra tudo.

*Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem.*

O indivíduo aqui exalta Stalingrado, que é o local onde aconteceu a batalha militar entre as forças de Hitler e a então URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), onde as tropas nazistas tiveram uma derrota que posteriormente causou seu fim, Stalingrado desde então se tornou símbolo da luta pela pátria e pelo socialismo.

O poema do começo ao fim exalta Stalingrado como símbolo de esperança, e que outras cidades deveriam seguir seu exemplo, mas também fala novamente de um mundo aos escombros e dividido.

Já nos poemas finais de *A rosa do povo*, como em “Procura da poesia”, onde Drummond faz um poema sobre o fazer poético, o Eu parece ter certo distanciamento de algumas idéias da esquerda neste caso, a mesma esquerda da qual ele se aproximou nesta obra.

Não faças versos sobre acontecimentos.

Não há criação nem morte perante a poesia.

Diante dela, a vida é um sol estático,

não aquece nem ilumina.

As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.

Não faças poesia com o corpo.

esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso à efusão lírica.

Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro

são indiferentes.

Nem me reveles teus sentimentos,

que se prevalecem do equívoco e tentam a longa viagem.

O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

[...]

Drummond critica um fazer poético sobre acontecimentos, para ele a poesia não deve se restringir a ser um meio da propaganda socialista, pois ela é mais que isso, Drummond teve uma desilusão com alguns escritores de esquerda, pois os mesmos queriam fazer da literatura um instrumento para propagar as idéias socialistas, e somente isso.

Mas é em “Reflexões sobre o fanatismo” [...] que Drummond vai se pronunciar mais acerbamente contra esse radicalismo partidário, cujas táticas são vistas como herdeiras persistentes dos concílios inquisitoriais.

(CAMIO, Vagner. 2001. Pag. 68)

Já em *Novos poemas* (1948) e *Claro enigma* (1951), livros posteriores de A rosa do povo, Drummond já demonstra seu afastamento do lirismo social, e segue em um lirismo mais filosófico e metafísico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto proporcionou uma melhor compreensão do aspecto individualismo/mundo, e melhor ainda, tal compreensão foi feita a luz da obra do poeta Carlos Drummond de Andrade, do qual muito admiro. O trabalho também possui uma importância quanto a crítica literária, pois trabalha em diálogo com diversos escritores, como Vagner Camilo, Antonio Candido, John Gledson entre outros.

O estudo sobre o individualismo problemático ajudou a compreender não só o indivíduo característico de Drummond, como também ajudou a contextualizar parte do século xx, e as tensões que afligiam o Eu da perspectiva do poeta.

O indivíduo na obra de Drummond se modifica bastante, e através do seu amadurecimento, é possível perceber que o mundo e o Eu estão constantemente se moldando juntos.

Foi possível compreender que o indivíduo nos primeiros livros, está em uma constante reflexão/contemplação sobre o estar-no-mundo, e esse sentimento se prolonga até meados do livro *Sentimento do mundo* e *José*, que é quando a tentativa de explorar e de interpretar o estar-no-mundo mais aparece. É então em *A rosa do povo*, após sanar os conflitos do indivíduo, que Drummond se aproxima de um posicionamento mais a esquerda, e dá início as obras mais voltadas ao lirismo social.

Posteriormente, Drummond se afasta do lirismo social, e com isso o indivíduo problemático acaba aparecendo menos nas obras posteriores, ou pelo menos não tão próximo das problemáticas aqui exploradas.

É importante destacar que o tema individualismo problemático, foi muito importante para entender a estreita relação entre o indivíduo e o mundo, e o tema abre oportunidades para uma futura continuação, ao se permitir dialogar com o mundo contemporâneo, o proveito do individualismo problemático pode ser ainda maior.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ACHCAR, Francisco. Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Publifolha, 2000 – (Folha Explica)

ALBUQUERQUE, Raul César de Sobre ser gauche. Pernambuco. Revista Obvious, 2013

ANDRADE, Carlos Drummond de. Entrevista a Zuenir Ventura. Rio de Janeiro. Revista Veja. N.637, 19 de novembro 1980.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião 10 livros de poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971

ARRIGUCCI Jr, Davi. Coração partido – Uma análise da poesia reflexiva de Drummond. 160 p. 6 ilustrações. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.

CAMILO, Vagner. *Da Rosa do povo à rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMILO, Vagner. Uma poética da indecisão: Brejo das Almas. **Novos Estudos**. São Paulo, n.57, p. 37-58.

CAMILO, Vagner. O legado do fazendeiro no ar. Publicado em **REPORTAGEM** n.38, novembro de 2002.

CAMILO, Vagner. A cartografia lírico-social de Sentimento do Mundo. *Revista USP*, Revista da Universidade de São Paulo, edição n.53. 2002.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.

GLEDSON, John. Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade / John Gledson; (tradução do autor). – São Paulo; Duas Cidades, 1981.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. 3ª ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2012

NAVA, Pedro. Passos de Drummond: Alcides Villaça. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 28

SANTIAGO, Silviano (org.). *Carlos & Mário: Correspondência de Carlos Drummond Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-TeVi, 2002.

VILLAÇA, Alcides. Passos de Drummond, São Paulo: Cosac Naify, 2006. Pag. 28

Dicionário online português – significado de Sui generis – disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sui-generis>> - acesso em 25/01/2018

Dicionário online português – Significado de metonímia – disponível em: <<https://www.dicio.com.br/metonimia>> - acesso em: 05/01/2018

Panontin, A. Marcos - Breve análise do Brasil dos Andrades – Disponível em: <http://www.academia.edu/13209836/BREVE_ANALISE_DO_BRASIL_DOS_ANDRADES> - acesso em: 07/01/2018

Marcílio, Fernando – Sentimento do Mundo – Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/resumos-de-livros/sentimento-do-mundo.html>> - acesso em 07/01/2018